

economia & história



Algumas Transformações de *Raízes do Brasil*

RÔMULO MANZATTO (*)

Não foram poucas as mudanças pelas quais passou *Raízes do Brasil*. Publicada em 1936, a obra foi sucessivamente alterada por Sérgio Buarque de Holanda nas décadas seguintes. Cada nova versão trazia recortes, adições ou supressões que modificavam os sentidos do texto.

Ao longo dos anos, as diferentes versões da obra de Sérgio Buarque interagiram com diferentes contextos, internalizando em seu texto os movimentos históricos do país que procurava interpretar. O texto definitivo surgiria somente em 1969, agora acompanhado de um prefácio de Antonio Candido.¹

Já entre a primeira edição, de 1936, e a segunda, de 1948, o livro passou por uma verdadeira transfor-

mação. Como afirma Luiz Feldman, essas profundas alterações suscitararam novas trilhas de leitura e impactaram decisivamente a forma como o texto mais conhecido de Sérgio Buarque de Holanda seria compreendido.

Feldman lembra que os efeitos das mudanças de *Raízes do Brasil* não escaparam aos leitores da época. De fato, ao resenhar a primeira edição, ainda em 1936, Sérgio Milliet apontava que a obra de Sérgio Buarque expunha a inviabilidade da democracia liberal, do comunismo e do fascismo no Brasil, regimes políticos então em voga no conturbado período entreguerras.

No entanto, prosseguia o resenhista, o livro não propunha nenhuma solução para os dilemas do país.

Em seguida, Feldman indica a mudança na postura de Milliet em relação à obra de Sérgio Buarque, décadas depois, já em 1964. O resenhista de primeira hora agora avalia que *Raízes do Brasil* trazia uma concepção de história que propunha caminhos políticos construtivos e realistas para o Brasil (FELDMAN, 2016, p. 439-440).

Feldman defende que, entre 1936 e 1948, *Raízes do Brasil* tornou-se, de fato, um livro progressista. O que teria ocorrido em função, principalmente, de uma reorientação do capítulo final, “Nossa Revolução”, que abria mão do aspecto negativo para adquirir a característica construtiva ressaltada por Milliet (FELDMAN, 2016, p. 440).

Sérgio Buarque reorienta seu último capítulo, prossegue Feldman, operando uma mudança de ênfase ao abordar as noções de contraponto e revolução. Esses dois conceitos ganham maior peso já na segunda edição e alteram a estrutura do capítulo.

Para Feldman, a versão de 1936 do capítulo final defendia uma espécie de contraponto entre tradição e modernidade, deixando indefinidas as possíveis consequências culturais e políticas dessa orientação. Já na versão de 1948, o argumento adquire contornos propositivos, apoiando uma transformação modernizante capaz de afastar os obstáculos impostos pela tradição.

Feldman acredita que essa mudança de ênfase no capítulo final está relacionada a outra profunda modificação na obra, que altera decisivamente o entendimento de Sérgio Buarque sobre o conceito de cordialidade.

O conceito de cordialidade propõe uma síntese do livro e do legado da colonização no Brasil, defende Feldman. O homem cordial, assim, é caracterizado

por uma vida emotiva intensa, da qual emana um desejo irreprímível de estabelecer intimidade com os seus pares. Impregnado pela sociabilidade familiar, ele é avesso à civilidade, que é definida por Sérgio

Buarque como a autocontenção e a impessoalidade no trato social. Com a cordialidade, os calorosos afetos privados predominam sobre a letra fria da lei, marca da civilidade (FELDMAN, 2016, p. 440-441).

Assim, na edição de 1936, a cordialidade é vista como aspecto positivo, como uma característica ligada à cultura brasileira que seria capaz de proporcionar um processo de modernização mais brando e mais humanizado do que o observado nas sociedades protestantes do norte, como mostra Feldman.

A avaliação muda completamente na edição seguinte. Em 1948, Sérgio Buarque agora vê o homem cordial de forma negativa, como um obstáculo para a modernização do país. Não por acaso, Feldman acredita que nessas duas abordagens da cordialidade – positiva e negativa – está o núcleo da permanente tensão entre tradicional e moderno em *Raízes do Brasil*.

Na primeira edição, continua Feldman, o elogio da cordialidade faz com que o capítulo final da obra defenda um contraponto entre cordialidade e civilidade. Essa última, aqui expressa como característica geral de uma sociedade moderna.

Já na segunda edição, quando a cordialidade se torna um fardo, uma carga negativa legada pelo passado

colonial, o capítulo que encerra o livro agora passa a defender uma espécie de revolução da civilidade contra a cordialidade e os atavismos coloniais.

Feldman não deixa de observar que a mudança no conteúdo da reflexão tem impactos correspondentes na forma do texto. Na edição de 1936, os contrapontos entre cordialidade e civilidade; tradicional e moderno, se combinam com as oscilações e conjecturas do ritmo da escrita ensaística de Sérgio Buarque.

O mesmo não ocorre na segunda edição. Em 1948, o livro toma a forma predominante de crítica ao passado colonial brasileiro. A ambiguidade perde espaço no texto, que agora adquire o caráter progressista reconhecido por Milliet já em 1964.

Para Feldman, as mudanças no texto reforçaram uma fórmula de progresso construtiva e realista que continuaria a ressoar por décadas. No entanto, essas mesmas mudanças fizeram com que a rica e complexa ambiguidade da caracterização inicial de Sérgio Buarque se perdesse para sempre.

Referências

FELDMAN, Luiz. Contraponto e Revolução em *Raízes do Brasil* In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**; (Org.) Pedro Meira Monteiro, Lilia Moritz

Schwarcz; estabelecimento de texto e notas Maurício Acuña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MANZATTO, R. Ainda o prefácio de Antonio Candido. **Informações Fipe**, n. 502, p. 74-75, jul. 2022.

1 Abordei o prefácio de Candido em edição anterior de **Informações Fipe**: Manzatto (2022).

() Economista (FEA-USP) e mestre em Ciência Política (DCP/FFLCH-USP). (E-mail: romulo.manzatto@gmail.com).*